

## NOSSAS PROFUNDAS RAÍZES

Sara Almarza\*

*“O único compromisso que se pode ter  
é com a busca da verdade”*

(Darcy Ribeiro)

No continente americano existem algumas datas-marco, plenas de significado, que permitem um salutar mergulho na realidade de nosso processo cultural. Em 1992, aos quinhentos anos que os europeus pisaram terras americanas houve, nas grandes cidades latino-americanas, inúmeros festejos, homenagens, publicações e conferências. Também surgiram interessantes vozes que denunciaram a equivocada algaravia frente a um fato histórico que provoca dor para alguns e entusiasmo para outros. São festejos inadequados porque para a grande maioria da população americana, que tem suas raízes nas etnias esmagadas, esta data não apresenta nada que mereça celebração. No ano passado, aqui no Brasil, volta-se a viver um momento de festa e de euforia comemorando a chegada da frota portuguesa. Sem dúvida, estas duas ocasiões estão carregadas de emoções encontradas, o que motiva o surgimento de diversas manifestações ao nível do Estado e da intelectualidade.

Os fatos transcendentais que marcaram a humanidade nos séculos XV e XVI exigem olhares diferenciados. Quando existe só um, as conseqüências são perigosas porque se evita a reflexão. Esta situação, a meu ver, aconteceu nos festejos oficiais em todos os países durante 1992 e não foi menos no ano passado em terras brasileiras. Os estados latino-

---

\* Coordenadora do evento “Mil anos de cultura na América” realizado na Universidade de Brasília, 20 de setembro a 20 de outubro de 2000. Professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas; membro do Núcleo de Estudos Caribenhos e Latino-Americanos, CEAM, UnB.

americanos comemoram a partir da perspectiva do dominador e são muito menores as manifestações provenientes das primeiras culturas americanas. A grande maioria dos eventos que celebram estes feitos salientam ao povo que chegou, ao povo que arrebatou, ao povo que desprezou as culturas aborígenes. Poucas são as reflexões que dão a conhecer o que foi interrompido na América, com a chegada do europeus.

Segundo explicitam as fontes históricas e antropológicas, os diversos povos originários foram massacrados, no entanto a sua força de raças diferentes e a sua riqueza cultural persiste até hoje. Desde o sul do rio Bravo até o Chile, as etnias recuperam-se. No Brasil, por exemplo, a taxa de natalidade da população nativa é 10% maior da que a dos não nativos. A resistência secular continua e o silêncio de anos converteu-se em vozes potentes que são escutadas ainda com maior força a partir da década dos anos noventa. De uma reunião em Equador, onde se convocaram os povos autóctones de vinte países de América, surgiu, consensualmente, o documento “Chamada à ação. Declaração de Quito”, em julho de 1990.

Em nível continental, existe hoje uma grande organização interna entre os diferentes grupos. Nas Nações Unidas organizou-se o Foro Permanente, onde há representação da grande maioria das etnias, e a sua organização logrou que se considerara o período de 1994 até 2004 o decênio dos Povos Indígenas.

Atualmente, há no continente uma luta intensa destes grupos com o intuito de recuperar as terras, que a eles pertenciam e, ao mesmo tempo, exigir o reconhecimento de existirem como culturas diferenciadas. Rigoberta Menchú, descendente dos maia-quiché, começou desde muito jovem a enfrentar a cultura dominante, as forças militares da Guatemala e a defender os direitos de sua raça. Sua coragem foi premiada com a distinção do Prêmio Nobel da Paz, precisamente em 1992, contando só com 33 anos de idade. No Equador, por exemplo, os diferentes grupos – saraguros, otavaleños, shuar, quíchuas – têm-se agrupado numa organização denominada Pachakutek que desde 1996 tem parlamentares no Congresso, e até o ano passado a vice-presidenta da Câmara foi Nina Pakari

Os zapatistas, desafiando o estado mexicano, vêm de organizar uma marcha até a capital do País e, com o apoio da sociedade civil, o Presidente Vicente Fox viu-se na obrigação de receber em audiência ao Comandante Marcos. Ademais, não podemos esquecer a importância da

força política dos indígenas do Equador na derrocada do presidente Jamil Mahuad, em janeiro de 2000. Os quíchuas e aymaras do Peru, Bolívia e norte do Chile levam uma luta de anos pela devolução das terras e, hoje, são escutados pelas elites políticas dos diferentes países. É interessante como a luta do povo mapuche, no sul do Chile, extrapola ao governo, pois as grandes ameaças, nestes últimos anos, são as multinacionais que tentam expropriar as suas terras para construir hidrelétricas e explorar as matas nativas.

Essa realidade dos povos autóctones e a sua riqueza cultural foram homenageadas, no segundo semestre de 2000, na Universidade de Brasília, tentando fazer um contraponto ao esquecimento, nas festividades oficiais tanto na Universidade como no País, das culturas dos primeiros habitantes do continente. Com um enfoque multidisciplinar e com estudos provenientes das diversas áreas saldou-se minimamente a dívida da omissão.

O evento “1000 Anos de Cultura na América” – embora sejam muitíssimos mais do que mil<sup>1</sup> – convidou a comunidade acadêmica e a sociedade brasiliense a refletir sobre cinco temas diferentes: culturas nativas, história e memória, América e África, direitos dos povos e meio ambiente. Durante um mês, e uma vez por semana, organizado através de mesas redondas, o Núcleo de Estudos Caribenhos e Latino-Americanos (NECLA) pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) levou a cabo dita atividade. Os trabalhos apresentados nessa ocasião estão reunidos neste número inaugural da Revista do CEAM.

Os estudos que seguem abarcam um escopo grande de temas e diversas miradas. O primeiro é uma reflexão do economista Cristovam Buarque em relação ao desafio da América Latina em construir uma civilização sem nenhuma das formas de pobreza que corroem nossas sociedades. Continua com um artigo do antropólogo peruano, Ladislao Landa, explicando como a resistência de grupos nativos, frente aos mais poderosos, já tinha começado antes da chegada dos europeus, assinalando a eterna luta pelo poder. Um tema instigante é o trabalho de Luis Ferreira, etno-músico uruguaio, que aborda a presença afro-uruguaia em Montevideu e os rituais coletivos que acontecem hoje nas ruas da cidade como manifestação de resistência política. A historiadora Nancy Alessio

---

<sup>1</sup> Emprego o termo “mil” com o sentido abrangente do árabe, que significa uma quantidade infinita.

Magalhães reflete sobre como se preservam as memórias individuais e sociais o que leva a uma disputa dentro das relações de poder. Segue um artigo do antropólogo Stephen G. Baines sobre a realidade atual da população nativa, com números atualizados, no Brasil e nos demais países da América. O professor de Artes Visuais, Nelson Odé Inocencio, mostra como o ensino formal da História da Arte destrói qualquer indício que possa se constituir em uma leitura diferenciada da estabelecida pelo Ocidente. Continua uma aguda reflexão do antropólogo José Jorge de Carvalho se perguntando de que lado ficou o acadêmico, de que lado ficou o intelectual nas celebrações de abril de 2000. Por trás da “barreira” humana de policiais ou na “barraca” abrigando o poder político do Estado? Irene Maria dos Santos, pesquisadora no tema dos direitos humanos, homenageia o histórico mês de julho de 1976, em que se publicou a Declaração dos Direitos dos Povos, em Argel.

Seguem dois trabalhos sobre a alimentação e os cultivos dos nativos. Patrícia Bustamante, engenheira agrônoma, informa-nos sobre a alimentação na América pré-colombiana e o geneticista, Fábio de Oliveira Freitas, através de pesquisas com amostras arqueológicas, conclui que os diversos tipos de milho foram introduzidos na América do Sul, em momentos históricos diferentes.

O artigo da professora Paula Cristina Vilas – Festando e atualizando utopias – dá conta da festa musical de encerramento “para cantar e dançar”. Ela explica que tanto o canto quanto a dança são vias para se retomar contato com a noção de ancestralidade. Para isso, convidou dois grupos surgidos na própria Universidade de Brasília, o *Grupo Ijexá* que trabalha a tradição do maracatu pernambucano e o grupo *Flor de Babaçu* de danças tradicionais maranhenses. Neste artigo-entrevista, ambos os grupos contam como surgiram, seus interesses e o significado cultural de se apresentar em espaços públicos.

Entregamos, pois, um panorama da força política atual das comunidades nativas e as agudas e variadas reflexões de diversos estudiosos, certos de ter contribuído para recordar a riqueza em que estão alicerçadas nossas raízes americanas.

---

Agradeço aos estudantes Igor Ximenes Graciano e Nina Madsen pela colaboração que me prestaram na transcrição e correção de alguns trabalhos.